

 <https://doi.org/10.29327/2206789.20.37-2>

## O Brasileiro Comum

### Éder Cabral

Doutorado em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale

Docente, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil

[edercabral@feevale.br](mailto:edercabral@feevale.br) <https://orcid.org/0000-0002-3393-8340>

### O Brasileiro Comum

O brasileiro comum  
vive diária tensão;  
componente mais vil  
de qualquer produção.

Elemento mais barato do que a terra,  
do que o gado,  
do que as máquinas  
do que os insumos.

Tenta-se gastá-lo,  
desgastá-lo, exauri-lo,  
invisibilizá-lo,  
inviabilizá-lo.

Todo elogio é placebo.  
Todo o direito, subtraído.  
Há um excedente humano  
fabricado para trabalhar.

Mas, na ordem do dia,  
na diretriz de todos os dias,  
milhões de subocupados,  
desempregados...

Desalentados, sem salário,  
tantas pessoas transbordam  
os postos já precários  
de labor.

Lógica dominante tão velha:  
a força do trabalho,  
no seu ideal, é infinita;  
pensam eles!

Quanto mais tal potência exista,  
mais pleno e correto  
funciona o engenho Brasil;  
pensam eles!

O que é velho e retrógrado  
se conta como novidade  
no país que faz girar em falso  
o parafuso do progresso.

Azenha montada,  
para desgastar os corpos,  
com uma eficácia invejável;  
Brasil; moinho de gastar gentes.

Aquele trabalhador de sol a sol,  
edificando, construindo,  
cultivando tudo o que se planta  
para exportar.

Fabricando todos os tipos de produtos  
em indústrias, multinacionais,  
fábricas, fabriquetas;  
usinas; oficinas; confecções...

No trabalho formal ou informal,  
ou no seu empreendedorismo  
de subsistência, vive nervoso,  
sempre correndo.

Uns comprando  
produtos importados  
de baixa qualidade,  
para vender para outros...

... Trabalhadores de sol a sol,  
nas ruas, debaixo das marquises  
dos prédios centrais das urbes,  
tendo “lucro” irrisório.

Todo ambiente é mercado  
em movimento ou parado,  
nos trens, nos coletivos,  
no Uber...

... Tem brigadeiro, tem balinha,  
tem carregador, tem cabos,  
tem o rosto cansado e a espera  
do amanhã melhor.

Sempre com sorriso, com rugas;  
sinais de expressão do empenho  
da moderna e velha  
ocupação.

Esse é o cidadão comum;  
no laboratório nobre  
de atrocidades,  
não é só preto,  
não é só mestiço,  
não é só branco pobre  
que é não a mesma coisa.

E o deus brasileiro  
ex machina,  
em dezembro;  
quando, por milagre,  
poucos têm décimo-terceiro,  
canta empolgado;  
Em fevereiro, tem carnaval.